

Pesquisadores investigam como HIV afeta sobrevida de pacientes com linfoma

Pacientes com linfoma difuso de células-B grandes (um subtipo de linfoma não Hodgkin, câncer que afeta o sistema imunológico) e que vivem com HIV possuem sobrevida menor em comparação com aqueles sem o vírus. O resultado consta de estudo realizado por pesquisadores do INCA, que identificou também maior ocorrência de recidiva (ressurgimento) da doença entre os portadores do vírus da imunodeficiência humana.

O artigo *Sobrevida diferencial de pacientes brasileiros com linfoma difuso de células-B grandes com e sem infecção pelo HIV* foi publicado na revista científica internacional *Aids*, uma das mais relevantes nessa área de conhecimento.

O linfoma difuso de células-B grandes é um dos principais tipos de câncer associado ao grupo de pessoas diagnosticado com síndrome da imunodeficiência adquirida, numa incidência de cinco a 20 vezes superior do que na população em geral. Com a terapia antirretroviral e a melhoria



Marcelo Soares e Mariana Ferreira tiveram seu estudo publicado na revista *Aids*

do sistema imunológico das pessoas com HIV, houve uma diminuição de linfoma não Hodgkin nesse segmento. “Apesar disso, chama a atenção o fato de que este tipo de malignidade continue a ser uma das doenças mais frequentes em pacientes que vivem com o vírus. E que o linfoma difuso de células-B ainda seja uma causa importante de mortalidade observada nesses pacientes”, afirmou o chefe da Divisão de Pesquisa Translacional e Aplicação Diagnóstica do INCA, Marcelo Soares, que coordenou a publicação do artigo. Participaram do estudo Mariana Ferreira, Luiz Claudio Thuler, Anke Bergmann e Esmeralda Soares.

Ao todo, 243 pacientes do Instituto foram investigados, 91 com e 152 sem HIV, em um período de cinco anos após o diagnóstico de câncer. No grupo com o vírus, ocorreram 41 mortes (45%). Já entre os sem o vírus, houve 57 óbitos (37,5%).

PESQUISA

Profissionais do INCA são qualificados em anoscopia de alta resolução

Considerada uma doença negligenciada, com poucas informações e visibilidade, o câncer de ânus tem sido foco de treinamento oferecido no HC I. O programa de certificação em anoscopia de alta resolução – que no Rio de Janeiro é liderado por Fabio Leal e coordenado por Letícia Lintomen, ambos profissionais da Coordenação de Pesquisa e Inovação – faz parte de uma parceria entre o INCA e o *Aids Malignancy Consortium (AMC)*. A capacitação prepara dois médicos por vez para participarem de estudos científicos sobre o tema e engloba prevenção, detecção precoce com a identificação de lesão precursora (por meio do exame) e aplicação dos protocolos de tratamento.

A presidente da Sociedade Internacional de Neoplasia Anal (IANS, na sigla em inglês), Naomi Jay, da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, é a responsável pela certificação. Em março, ela qualificou em exames de anoscopia de alta resolução o cirurgião oncológico

do INCA Rodrigo Otavio de Castro Araújo, pioneiro na obtenção da certificação definitiva na América Latina, e o proctologista e cirurgião geral da Universidade Federal Fluminense (UFF) José Antonio Dias da Cunha e Silva.

Em novembro, Naomi Jay retornou ao Brasil para a certificação dos dois médicos como aptos também para tratar lesões de alto grau com a técnica. Além disso, deu início ao treinamento de mais um profissional do Instituto, o cirurgião oncológico Marcus Valadão.

O INCA foi o primeiro centro latino-americano a receber o certificado em anoscopia de alta resolução pela IANS. O alinhamento entre Pesquisa e Assistência na instituição proporcionou a criação de um ambulatório especializado no rastreamento e tratamento do câncer de ânus.



Certificação dos médicos é realizada por Naomi Jay (de óculos), presidente da Sociedade Internacional de Neoplasia Anal